

SANTA DICA E O MOVIMENTO SOCIAL NO CAMPO: GOIÁS DOS ANOS 20 AOS ANOS 60¹

Maria Meire de CARVALHO²

Curandeira, milagreira, profetiza, santa ou demônio, Dica não consegue despertar o interesse dos estudiosos dos movimentos populares ou mesmo da sociedade regional, para fixar o verdadeiro sentido de sua participação na mudança da ordem vigente.

LAURO DE VASCONCELLOS

RESUMO

Este artigo é dedicado a resgatar o movimento social no campo, liderado por “Santa Dica”, Benedicta Cipryano Gomes, e ocorrido no estado de Goiás, entre as décadas de 20 e 60 do nosso século, na fazenda Monzodó, povoado de Lagolândia, município de Pirenópolis. Este estudo discorre sobre a atuação e as implicações do movimento liderado por Santa Dica, uma jovem mulher sertaneja que, acreditando ser portadora de um “poder superior”, contestou a camada dirigente de Goiás, defendeu a posse da terra e os sertanejos miseráveis que viviam “esmagados” pela política dos coronéis. Afinal, quem foi Santa Dica?

Pouco sabemos sobre os movimentos sociais no campo em Goiás. Assim, ao elegermos “Santa Dica” como tema de estudo, acreditamos estar dando-lhe visibilidade como sujeito histórico, como também estamos privilegiando os estudos regionais, hoje tão valorizados e imprescindíveis à recomposição da História do Brasil. Situamos, assim, esse movimento dentre outros ocorridos no Brasil no final do século XIX e início do século XX (Canudos, Con-

1 Este texto é parte do trabalho apresentado ao final da disciplina Movimentos Sociais no Campo, do Curso de Mestrado em História das Sociedades Agrárias, UFG.

2 Mestranda em História na UFG, professora de Didática e Prática do Ensino de História na Unidade Universitária “Cora Coralina” da UEG, na cidade de Goiás.

testado e Mucker), também vemos a conexão desses movimentos com a expansão capitalista e as mudanças impostas às comunidades camponesas.

Buscando, então, resgatar a presença de Santa Dica e dar relevância ao movimento por ela liderado, apresentamos, de forma rápida, a situação do Estado de Goiás no contexto do período a ser trabalhado.

Segundo Palacin (1989, p.93-97), em 1920, a densidade populacional em Goiás era baixíssima, podendo-se falar em 500 mil habitantes em todo o estado, o que representava cerca de 0,77 habitante por quilômetro quadrado. Durante esse período, enormes extensões de terras estavam completamente despovoadas. A população “rala” existente vivia disseminada nas grandes fazendas. Nos centros urbanos, havia um índice muito pequeno de habitantes.

No que se refere à economia, Goiás possuía uma economia quase que exclusivamente voltada para a subsistência. A produção, de base familiar, era praticamente para o consumo. O comércio interno e a circulação monetária eram insignificantes. Apesar de o gado ser o setor mais dinâmico da economia, este só começou a reagir, a partir da construção da Estrada de Ferro, quando os animais e os cereais passaram a ser escoados para o mercado externo (Borges, 1990).

Nesse momento, Goiás possuía pouca representatividade no cenário nacional. Com uma população escassa, terras desvalorizadas, a política centrada nas mãos dos coronéis e com uma economia pouco significativa em nível nacional, o estado de Goiás, na década de 20, despertava pouca atenção do governo federal para os seus problemas.

A posse da terra, como nas demais regiões do país, era controlada pelos latifundiários. Estes forçavam laços de dependência entre a população de baixa renda, sob a forma de domínio e controle. Várias famílias dependiam deles para sobreviver. Nas grandes fazendas, trabalhavam meeiros, vaqueiros, sitiantes e jagunços, esses últimos, obedecendo aos coronéis, cometiam as maiores atrocidades contra quem desafiasse as ordens do patrão.

Em Goiás, prevalecia a política coronelística. O sistema de domínio era exercido por um grupo, que controlava a política e as administrações estaduais na capital. Este grupo contava com alguns representantes em nível nacional, que garantiam o domínio das chefias locais, as quais eram representadas nos municípios pelos “coronéis” (Campos, 1983, p.84).

Foi nesse contexto que surgiu, na fazenda Monzodó³, povoado de Lagolândia, município de Pirenópolis, uma mulher liderando um grupo de serto-

3 A fazenda Monzodó pertencia a vinte famílias. Sua terras, às margens do rio do Peixe, servia de pouso às populações vizinhas e aos viajantes que por ali passavam. O pequeno aglomerado de casas, era, na verdade, ranchos de pau - a - pique e palha (Vasconcellos, 1991, p.81)

nejos, que posteriormente seria vista pela camada dominante e pela Igreja como uma ameaça à ordem vigente.

A sertaneja Benedicta Cypriano Gomes, nascida em 13 de abril de 1905, na fazenda Monzodó, município de Pirenópolis, era a filha mais velha de uma vasta família de oito irmãos. Benedito Cypriano Gomes, seu pai, era um pequeno proprietário de terras. A menina de origem camponesa deixou de ser uma adolescente comum aos 13 anos de idade, quando deu início a sua saga como milagreira (Vasconcellos, 1991, p.120).

A partir daí, Dica passou a ficar alguns momentos, ou dias, imobilizada, momentos estes de “ausência”. Segundo a jovem, ela era chamada para confeccionar com uma falange de anjos, da qual passou a ser representante na terra.

Com a divulgação dessas notícias, o povoado começou a receberromeiros à procura da “santa milagreira”. Multidões de sertanejos, a grande maioria agregados das fazendas dos municípios circunvizinhos, passaram a fixar-se no reduto próximo à residência da santa.

Dica, acreditando ser capaz de realizar a missão que lhe foi conferida, curar as moléstias, passou a fazer uso das águas do Rio do Peixe no preparo dos chás, pois considerava que estas águas eram milagrosas. Os tropeiros e viajantes, que por ali passavam, divulgaram seus feitos por outras regiões. O movimento ganhou fama e cresceu o número de fiéis que vinham à procura de curas.

Uma forte migração ocorreu no povoado e a jovem santa passou a controlar os atos da população do povoado que ali se formara. Curava, aconselhava e controlava os fiéis e romeiros, chegando a propor uma vida melhor aos “miseráveis” que ali passaram a habitar.

Nas palavras de Moura (1989, p.30), essa gente acreditava que a jovem mulher, apoiada nas forças sobrenaturais, iria resolver seus problemas. O local, sem a menor estrutura para abrigar aquela gente, passou a ser um amontoado de ranchos de folhas de coqueiro. Cada um procurava instalar-se como podia, debaixo de árvores, sobre blocos de pedra, em cima de cupins, enfim, o importante era fixar-se no reduto, próximo à jovem Santa.

Segundo Batista (1983, p.06), a jovem Dica recebia multidões para ouvir seus sermões e conselhos. Ela fazia previsões e confortava os doentes e desamparados. Chegava gente de Pirenópolis, Jaraguá, Curralinho (hoje Itaberaí), Goiás, enfim, chegavam ao reduto pessoas de várias regiões e de diversos estados.

A divulgação do movimento atraiu vários comerciantes de localidades circunvizinhas que chegavam ao povoado buscando maiores lucros. A pesquisadora Zicari (1992, p.229) afirma que Santa Dica interferia diretamente nos negócios desses comerciantes, chegando, inclusive, a determinar o valor dos

produtos, quando e como deviam ser vendidos.

Nos primeiros anos de atuação de Santa Dica, quando a mesma tinha por volta de quatorze anos de idade, não se tem conhecimento de hostilidades ao reduto por parte da sociedade vizinha e dos representantes políticos da região. Ao contrário, no início do movimento os “coronéis” faziam visitas periódicas ao reduto, chegando inclusive a colaborar, doando pequenas quantias à Santa (Vasconcellos, 1991, p.114).

O movimento começou a ganhar a aversão dos “coronéis”, da Igreja e do estado, quando estes perceberam que existia um número muito grande de pessoas no reduto. Isso causou um certo temor por parte da sociedade circundante que temia desordens no lugarejo. A partir daí, os integrantes do movimento foram tachados de bandidos, fanáticos e desocupados. Os proprietários de terra temiam que essas pessoas “desocupadas” atacassem a propriedade privada, pois Santa Dica, além de defender a posse coletiva da terra, também havia suspenso o trabalho aos sábados, domingos e dias considerados santificados pelos adeptos do movimento.

Dessa forma, segundo os ensinamentos da Santa, esses dias estavam reservados para o descanso dos trabalhadores. Essas práticas contrariavam as leis civis e despertavam a ira dos “coronéis”, uma vez que, na região, a mão-de-obra era escassa.

O movimento liderado por Santa Dica crescia a cada dia, fazendo com que crescesse também a falta de trabalhadores rurais nas lavouras. Isso levava à diminuição nos lucros dos fazendeiros, pois os habitantes do reduto eram na maioria homens livres ligados ao trabalho da terra, exerciam funções como meeiro, parceiros, arrendatários ou camaradas.

Santa Dica aconselhava a posse coletiva da terra, como solução para o problema da subsistência daquele povo. Seus conselhos, porém, não paravam por aí, Dica afirmava que o produto do trabalho da terra deveria ser repartido por todos, recebendo cada um conforme sua necessidade (Vasconcellos, 1991, p.90).

Ao defender essas propostas de coletivismo e socialismo, a Santa ainda incitava os “sertanejos” a desafiar as leis coronelísticas, pois incitava-os a não pagarem os impostos cobrados. Então, além de promover suas curas, a liderança exercida pela carismática Santa Dica assegurava aos que ali viviam uma sociedade livre das desigualdades sociais. Dica criava suas próprias leis e designava seu reduto de “República dos Anjos”, onde cada morador da terra era convidado a doar o que tinha, trabalho, dinheiro, objetos, tudo o que pudesse somar-se ao bem geral da comunidade. No reduto não havia cadeia e nem se pagavam impostos. (Batista, 1983, p.16)

Para assegurar a chamada “República dos Anjos”, Santa Dica anunciou

que todos os moradores do reduto comporiam uma só família como também estipulou uma extensão territorial para a “República”, que, segundo ela, seria de sete léguas quadradas, medida que havia sido determinada pelos anjos que a assistiam. Segundo Moura, (1989, p.258), Santa Dica determinou que o território de Lagolândia, denominado de “Calamita dos Anjos”, constituía-se num quadrado de sete léguas, numa demarcação invisível. Nessas “sete léguas de paraíso” não prevaleceria a mentira nem a maldade dos homens.

Dessa forma, Santa Dica chefiava seus adeptos, assumindo não só a chefia espiritual, como também a chefia material. Ela procurava buscar soluções para o reduto, estruturando os limites da cidade “Calamita dos Anjos”. No reduto, Santa Dica demarcava ruas e definia o local em que deveriam fixar-se as casas do povoado, incentivando todos os fiéis a trabalharem na construção da cidade sagrada que seria administrada pela falange de anjos.

Nesse período, ela rebatizou o rio do Peixe por rio “Jordão”, também estabeleceu um calendário próprio de obrigações e devoções. Aos poucos, instituiu no reduto os aspectos de uma religiosidade popular, aumentando com isso sua liderança sobre seus adeptos (Moreira, 1999, p.57).

Essas mudanças estabelecidas no povoado e o exercício da liderança da jovem, tanto pôs em xeque as formas de dominação dos “coronéis” da região, como também abalou a tolerância da Igreja e do Estado. Estes sentiram-se ameaçados ao perceberem que a população local obedecia cegamente, sem quaisquer questionamentos, às leis emanadas da autoridade da Santa.

Foi vendo o perigo que emanava do reduto que a liderança política tradicional da região, a Igreja e o Estado pressionaram os habitantes do reduto, pessoas consideradas como “fanáticos ignorantes”, a desistirem de seguir à risca as ordens da mística sertaneja. A partir desse momento, lançaram denúncias sobre as práticas ocorridas no local. O Jornal Lavoura e Comércio de Uberaba, Minas Gerais, publicou, em 22 de julho de 1926, a seguinte matéria:

Não se pode conceber que, a pouco mais de vinte léguas da capital de Goyaz, se formasse e progredisse assustadoramente um conglomerado de pessoas advindas de toda a parte, pessoas de toda a espécie, com sérios riscos de paz em nosso Estado ... Benedita Cypriana se constituíra em Goyaz um sério perigo

Outro jornal, O Santuário da Trindade, jornal católico, traçava o perfil de Santa Dica: uma mulher que fala bobagens/asneiras, uma embusteira que dá conselhos tolos, uma impostora/trapaceira, uma histérica que arrebanha o “povo ignorante” para lhes encucar baboseiras.

Em 12 de julho de 1924, o Santuário da Trindade alertava seus leitores

contra o perigo que a “santa” representava. No título do artigo, a palavra “santa” vinha entre aspas para reforçar a idéia de que a expressão não tinha sentido. O jornal mostrava a distância entre seu público leitor e o “povo ignorante” que seguia a “santa” quando dizia:

nem a tal mulher é santa, contudo é assim conhecida a moça histórica, impostora, visionária que vive lá para as bandas do rio do Peixe. O povo ignorante e supersticioso se deixa prender por suas baboseiras e asneiras e em grande número para lá se dirigem ... É caso para a intervenção da polícia ...” (Jornal Santuário de Trindade, 12 de Julho de 1925)

Os adjetivos pejorativos, usados pelo Santuário para atacar a “santa”, deixam claro como esse padrão de mulher transgressora põe em risco a autoridade da Igreja e do estado. Esse ato de arrebanhar o “povo ignorante” também mostra-nos a definição da exclusão social existente em Goiás à época.

Foram tomados diversos procedimentos contra o reduto, pois o prestígio do movimento desencadeava reações adversas na sociedade circundante. Os proprietários de terras acusavam Santa Dica e seus adeptos de viverem sem ocupação e de invadirem terras alheias para ali fazerem suas roças.

Segundo Zicari (1992, p. 223), sobre esse procedimento recaiu o argumento de que os habitantes do reduto ameaçavam o direito de propriedade. Várias denúncias foram feitas ao governador do estado sobre as perturbações que o movimento estava causando na região.

O Sr. Hilário Alves de Castro, em 1924, em seu ofício ao chefe de polícia, no processo 651, citado por Vasconcellos, (1991, p. 95), incita as autoridades dizendo:

Se não quiserem uma repetição dos Canudos e dos Mucker, urge que se ponha um termo a fim de evitar maiores e mais graves incômodos para o benefício do Governo do Estado, e, para a população (...) exposta a ser sacrificada a essa gente desclassificada, sob as ordens de uma embusteira

Com a criação da chamada “República dos Anjos”, reforçava-se no reduto a autonomia das atividades religiosas ali desenvolvidas, pois os santos de devoção foram criados a partir da realidade local. Durante as procissões, veneravam-se o Anjo-Rei José Sueste, a Virgem do Rosário e da Conceição e, ainda, São Benedito, o padroeiro da “República dos Anjos”.

Nas ocasiões das festas religiosas, o reduto recebia por volta de seis mil pessoas. A Igreja Católica não concebia tal procedimento, denunciando a ousadia de Santa Dica ao presidir as cerimônias. A Santa era ainda acusada de

realizar os sacramentos do batismo, das confirmações e do casamento (Zicari, 1992, p. 5).

O jornal católico do Santuário de Trindade apelava à polícia pedindo a intervenção no reduto:

Os efeitos perniciosos da bruxa já se fazem sentir entre o povo ignorante (...) Os fazendeiros já se queixam, que apesar da falta extraordinária de braços para a lavoura e outros serviços, não podem mais vencer a obstinação de certos fanáticos que recusam a trabalhar nos sábados por que a tal moça (!?) do Rio do Peixe afirma que nesse dia não se deve trabalhar (Vasconcellos, 1991, p.95).

Foi através dessas denúncias que a elite dominante e a Igreja juntaram forças para combater o movimento de Santa Dica, que, além das profecias, defendia, ainda, a posse da terra para todos. Dica dizia não crer na propriedade daqueles que da terra tinham título, pois a “terra era de Deus” e seu produto deveria pertencer a todos de acordo com as suas necessidades. Ela acreditava ser Lagolândia o lugar reservado para se realizar o paraíso na terra.

O estado de Goiás, que vivia abalado, nos anos de 1924/1925, pelas crises econômicas e políticas, foi acometido pela presença dos “revoltosos” da Coluna Prestes⁴, que entraram no estado em junho de 1925. Antônio de Ramos Caiado, conhecido como “Totó Caiado”, solicitou que os coronéis locais arrebanhassem voluntários para combater os rebeldes da Coluna Prestes. Esse pelotão de patriotas ficou conhecido como Coluna Caiado, formado por aproximadamente 800 voluntários que se dispuseram a defender a capital do estado, dos revoltosos.

Santa Dica, cooptada pelo coronel Francisco José de Sá, foi convocada para combater os revoltosos e, junto com dezenas de adeptos, marchou para a capital do estado, onde encontraria os integrantes da Coluna Caiado. Segundo Vasconcellos (1991, p.100), ao chegar à capital, Dica recebeu várias homenagens. Homenagens estas, desconcertantes e humilhantes para os coronéis locais, pois sua presença na capital era para ser motivo de demonstração de forças do senador Caiado perante seus inimigos políticos e o que aconteceu teve repercussão contrária, pois o povo da capital dispensou mais atenção à Santa Dica do que à elite política de Goiás.

4 Movimento rebelde, liderado por Luís Carlos Prestes, no qual somaram-se os remanescentes do levante paulista de 1924, militares gaúchos, civis e mulheres, combatendo o governo autoritário de Artur Bernardes, percorrendo, por dois anos e sete meses, catorze Estados brasileiros até seu exílio na Bolívia, numa marcha de aproximadamente 25.000Km, compreendendo o período de julho de 1924 a Fevereiro de 1927.

Durante a estadia de Dica na capital, ela foi chamada à Chefia de Polícia e foi exigido que se afastasse de suas práticas religiosas. O retorno dos voluntários à Lagolândia foi feito a pé (168 Km) e sem as armas que portavam, pois estas foram apreendidas por ordens superiores, as despesas contraídas não foram cobertas, gerando muitas insatisfações dos voluntários que se deslocaram até a capital para integrarem-se ao batalhão da Coluna Caiado.

Resgatando a participação das mulheres na Coluna Prestes, Carvalho (1998, p.7) nos diz que há controvérsias sobre a atuação de Santa Dica durante a passagem da Coluna Prestes por Goiás. Segundo depoimento⁵ de um irmão de Santa Dica, ela teria tido um encontro secreto com o chefe de destacamento da Coluna Prestes, o tenente Siqueira Campos, quando deslocava-se para a cidade de Goiás, e prometera apoio aos rebeldes de Prestes.

O secretário da Coluna Prestes, ao relatar em seu diário a passagem da Coluna por terras goianas, vai destacar a figura mística de Santa Dica e reafirmar a simpatia de Dica pelo movimento rebelde,

transpusemos a estrada de autos de Anápolis (...) Em meio ao caminho, apareceu-nos um velho gaúcho que foi revolucionário em 1893 (...) a fim de nos comunicar que Santa Dica, de quem era prosélito, afirmava que venceríamos.” (Moreira Lima, 1979, p.426)

Logo depois do regresso de Santa Dica e de seus adeptos da capital do estado de Goiás, decretaram sua prisão e de mais cinco pessoas ligadas a ela diretamente, todas acusadas de desrespeito à lei. Em 14 de outubro de 1925, sob uma resolução do governador Brasil Caiado, um grupo de 80 soldados sitiou o reduto, quando o comandante da ação determinou que se executasse o mandato de prisão. Esse dia ficou conhecido como “Dia do Fogo”.

Não podemos considerar que a Coluna Prestes foi a causadora do conflito entre Santa Dica e a polícia goiana, mas acreditamos que o episódio serviu como uma tomada de consciência pelos seguidores de Dica, quanto à condição de marginalidade na qual se encontravam, provocando, assim, uma maior ira dos moradores contra o ataque policial.

Segundo as afirmações de Batista (1983, p.23), nesse dia, sob o comando de Celso Calmon, Lagolândia foi cercada por uma tropa bem armada. Tratava-se praticamente de um batalhão completo da polícia militar, que investiu contra o lugarejo, considerado a Canudos de Goiás.

Aconteceu em Lagolândia um brutal massacre, que foi relatado de forma mítica pelos adeptos da Santa. Segundo algumas pessoas, as balas tocavam

5 Esse depoimento do irmão de Santa Dica foi feito no documentário “Santa Dica do Sertão”.

o vestido de Santa Dica e caíam no chão sem que ela sofresse qualquer ferimento.

Ao relatar esse fato, Vasconcellos (1991, p.106) afirma que a “guerra” entre os policiais e os moradores de Lagolândia não durou mais que 30 minutos, mas apresentou uma baixa de 16 pessoas seguidoras da Santa, sendo que 6 morreram em consequência de tiros, 5 afogados e 5 após serem gravemente feridos. Sobre Santa Dica, sabe-se que conseguiu escapar atravessando o Rio do Peixe, dirigindo-se para o lado de Santana do Machambombo (hoje Uruaçu).

O Jornal Diário da Manhã (13/04/1983) relata o depoimento de Severino Teles (contemporâneo do movimento), no qual ele afirma que depois de três dias refugiados, Santa Dica e seu pai se entregaram à polícia.

Com a prisão da líder, na capital do estado, os adeptos do movimento continuaram no reduto e sobreviveram às pressões da justiça para abandonarem o local. Nesse momento, percebemos a união em torno da fé - crença dos fiéis de que Santa Dica retornaria -, e o sentimento de resistência. De certa forma, o movimento foi fortalecido e os adeptos da Santa permaneceram no reduto esperando a volta da líder. Em julho de 1926, a Justiça julgou improcedente a denúncia e expediu um alvará, dando liberdade a Santa Dica.

Em entrevista ao Jornal Diário da Manhã (13:04:1983), o cidadão pirenopolino Isócrates de Oliveira afirma que Santa Dica realmente rompeu com os padrões sociais da época. Segundo ele, o povo ouvia suas palavras e tudo o que ela determinava eles faziam. O Sr. Isócrates afirma que Santa Dica foi uma mulher extraordinária: “ela foi a primeira mulher a aparecer na região de calça comprida, montada a cavalo com um revólver ‘38’ na cintura”.

Santa Dica realmente apresentou-se como uma guerreira, pois não se deixou abater pela prisão. Após a soltura continuou a atuar no movimento que contava com um número considerável de adeptos. Os adeptos da Santa e as pessoas que com ela conviveram respeitavam-na e admiravam-na como uma verdadeira santa.

Novas ameaças, porém, surgiram e ela mais uma vez foi presa. Vários jornais cobriram a notícia de sua prisão. Depois de solta ela se dirigiu à cidade do Rio de Janeiro. Nessa viagem, ela conheceu o jornalista Mário Mendes, com quem se casou posteriormente.

A prisão e o casamento não reprimiram sua resistência. Prova disso é que, em 1932, ela reuniu seus adeptos e partiu em defesa da Revolução Constitucionalista. Essa decisão novamente despertou a admiração do povo, uma vez que soldados goianos e mineiros pediam para ser comandados por Dica, pois ela garantia que seus soldados estavam protegidos pelos anjos.

O carisma e o prestígio de Santa Dica continuou influenciando a região.

Mário Mendes, seu marido, foi eleito prefeito de Pirenópolis em 1934. A partir de então, passou a indicar nomes para as sucessões municipais (Moreira, 1999, p.106).

No ano de 1963, a pedido de Santa Dica, Lagolândia elevou-se à categoria de município. Com a emancipação política, o lugarejo floresceu, a cidade cresceu, chegando a contar com Fórum, juiz e cartório. Porém, em meados de 1967, Lagolândia foi rebaixada a Distrito de Pirenópolis.

Nesse momento, o movimento foi muito pressionado por forças políticas e esfacelou-se. A líder, já cansada, deixou o reduto e mudou-se para Goiânia, onde continuou a atuar como conselheira e curandeira. Em 09 de novembro de 1970, aos 61 anos de idade, morreu acometida pela doença de chagas. Atendendo a um pedido de Santa Dica, seu corpo foi sepultado em Lagolândia, lugarejo que até hoje é revestido de simbolismos místicos e sobrenaturais.

Segundo Moreira (1999, p.110), até os dias atuais o povoado de Lagolândia preserva viva a memória de Santa Dica. Na praça central, onde encontra-se o túmulo de Dica, ainda existe um busto seu e cada banco da praça leva o nome de mulheres que prestaram serviços à comunidade. Esse lugarejo, situado nos confins do “sertão” goiano, foi palco de um importante movimento social no campo ocorrido no século XX, quando a crença religiosa popular, aliada aos anseios de igualdade, culminou numa grandiosa luta contra os latifundiários locais.

O movimento liderado por Santa Dica, uma camponesa simples e semi-analfabeta, ganhou dimensões nacionais e despertou a consciência do sertanejo goiano. Mesmo possuindo um fundo religioso messiânico, o movimento desencadeado pela jovem Dica mostra-nos o poder da massa camponesa, liderada pelo carisma de uma mulher, pois Santa Dica demonstrou ser capaz de lutar por mudanças e enfrentar a classe dominante, mesmo que essa lhe infligisse sérias conseqüências.

Portanto, entendemos que o movimento de Santa Dica não foi meramente religioso. Ele foi muito mais que isso, pois além de pregar a distribuição e a produção coletiva da terra, Santa Dica alertou os trabalhadores rurais sobre a dominação e o jugo que os latifundiários exerciam sobre eles, sob alegação de serem os legítimos proprietários da terra.

ABSTRACT

CARVALHO, Maria Meire de. Santa Dica and the field social movement: Goiás from the 20's till the 60's. *Temporis(Ação)*, Goiás, v.1, n.3, jun.1999.

This article is dedicated to ransom the country social movement that happened in Goiás state, in this century, between the decades of 20 and 60 at Mazadão Farm, a village of Lagoândia in Pirenópolis municipal district. It was headed by "Saint Dica", Benedita Cipriano Gomes. This article is going to examine also the actuation and the implications inside the Saint Dica's movement, a inlander yong woman, that believed to have a "superior power". She had refuted the state Goiás government as Well as had defended the land possession and the miserable country people that had been lived compressed by the colonel politician system. After all, who was Saint Dica?

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes Impressas: Jornais e Periódicos

JORNAL LAVOURA E COMÉRCIO. Uberaba, MG. 1924 – 1926.

JORNAL O SANTUÁRIO DE TRINDADE. Campinas,GO. 1924-1927

Fontes Visuais

Documentário: *Santa Dica do Sertão*. Produção e Direção Carlos Del Pino.

BIBLIOGRAFIA:

ASSIS, José Renato. Santa Guerreira: a goiana que lembra Joana D'arc. *Diário da Manhã*, Goiânia, 13 Abr. 1983. p.1-2.

BATISTA, Paulo Nunes. *História de Santa Dica*. Folheto n. 86, Anapólis: 1983.

BORGES, Barsanulfo Gomides. *O Despertar dos dormentes*. Goiânia: UFG, 1990.

CAMPOS, Itami. *Coronelismo em Goiás*. Goiânia: UFG, 1983.

CARVALHO, Maria Meire de. *As Mulheres na Coluna Prestes*: resgate de uma memória. Goiânia: UCG, 1998. (monografia de especialização em História).

LIMA, Ivair. Santa Dica. *Diário da Manhã*, Goiânia, 08 set. 1998. p.4.

MOREIRA, Elma Maria de Jesus. *Santa Dica*: memória e contra-imagem de um mito. Goiânia: UCG, 1999. (Monografia de especialização em História).

MOREIRA LIMA, Lourenço. *A Coluna Prestes*. 3.ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1979.

MOURA, Antônio José de. *Sete léguas de Paraíso*. São Paulo: Global, 1989.

PALACÍN, Luís. *História de Goiás*. 5.ed. Goiânia: UCG, 1989.

VASCONCELLOS, Lauro de. *Santa Dica: encantamento do mundo ou coisa do povo*. Goiânia: UFG, 1991.

ZICARI, Eleonora Costa de Brito. *A construção de uma marginalidade através do discurso, e, da imagem: Santa Dica e a corte dos anjos. Goiás – 1923 à 1925*. Brasília: UnB, 1992 (Dissertação de Mestrado).